

PEÇA DO MÊS

FEVEREIRO – 1999



FAIANÇA ALEMÃ DO SÉC. XVI
«HOMEM BARBUDO»

CASTELO DE VIDE
Arcos dos Paços do Concelho

A CASA ONDE SE DEU A DESCOBERTA

Circunstâncias do Achado e Escavação

Este peça apareceu graças a uma intervenção arqueológica que teve lugar num imóvel situado na confluência da Rua do Mercado com a Rua da Judiaria, portanto, num ponto nevrálgico da encosta onde se terá instalado a comunidade judaica por finais da Idade Média.

O imóvel que chegou ao nosso século, de construção seguramente muito posterior ao período medievo, na década de oitenta apresentava um avançado estado de ruína, ameaçando desmoronar-se a qualquer momento e pondo em perigo a estabilidade do edifício contíguo. Perante esta situação de degradação, a Autarquia apreciou ser urgente a sua recuperação e integrou-o, juntamente com mais cinco imóveis em idêntico estado de conservação e igualmente devolutos, no *Projecto de Recuperação da Judiaria de Castelo de Vide*. A execução deste Projecto teve início no princípio dos anos 90 e levou à reabilitação desses prédios, entretanto destinados a habitação permanente, de modo a contribuírem para a revitalização dos Centros Históricos, contrariando assim a tendência da desertificação e terciarização do tecido urbano antigo.

O acompanhamento que a Secção de Arqueologia efectuou no momento em que as obras, a cargo da própria Autarquia, se processavam, concretamente na fase do levantamento dos pavimentos, permitiu que fossem identificadas as bocas de cinco silos no 1.º piso do edifício em questão.

A escavação permitiu verificar que o desuso destas «covas», abertas em solo argiloso, transformou-as em bolsas de depósito de entulhos diversos, essencialmente de obras, misturados aleatoriamente com restos de cozinha, artefactos diversos e resíduos de combustões. Com base nos dados preliminares, é plausível afirmar-se que os silos tenham sido utilizados como fossa detritica, com particular intensidade nos finais do século XVI e na primeira metade do XVII.

Não se pretende efectuar aqui a divulgação dos resultados da escavação, porém, para que o leitor fique com uma imagem dos materiais que acompanhavam os fragmentos desta nossa notável faiança, que ora figura como *Peça do Mês*, o mesmo é dizer doutros vestígios materiais que fizeram parte do quotidiano dalgumas gerações que habitaram



Casa 1 da Judiaria; alçado lateral sul.
Pintura de Albertino Guimarães, óleo; 1955
(col. part. Joaquim Canário)

este espaço, deixamos um breve apontamento da análise quantificada do espólio recuperado no silo 2 em relação ao conjunto integral do espólio exumado. Com efeito, neste silo recolheram-se 6 botões num total de 10; 3 fivelas em 9; 23 alfinetes em 90; 7 dedais em 12; uma agulha em 5; 1 anel em 5; 2 marcas de jogo em 9; e ainda 6 porções de sílex para talhe de pederneiras; 121 objectos diversos de ferro; uma faca e um fundo de bainha de punhal.

Entre o espólio cerâmico de uso comum há um número significativo de fragmentos de louças de cozinha e de mesa, diversas porções de vasilhas de armazenamento e algumas de cerâmica de construção. A de luxo manifesta-se sobretudo nos tipos e formas que integram a louça de mesa, oferecendo uma quantidade assinalável de fragmentos cerâmicos vidrados e esmaltados, simples ou com decoração variada, mono ou policromados, que, em muitos casos, justificou o restauro completo dos recipientes.

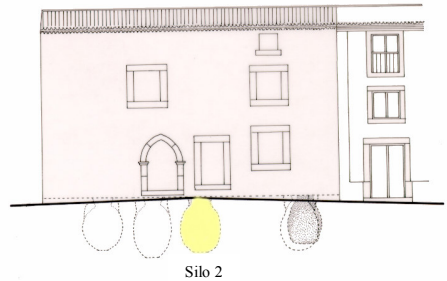
Infelizmente, o mau estado de conservação de grande parte dos numismas originou que dos 45 encontrados apenas 7 fossem catalogáveis com obtenção da seguinte representatividade dinástica: quatro moedas de D. Afonso V (três ceitis e um real preto), duas moedas de D. Sebastião (I real e V reais) e uma moeda de D. Pedro II (III réis). Portanto, a diacronia do conjunto monetário catalogado tem uma amplitude de cerca de 240 anos (sem considerar-se o aparecimento de um dinheiro – 1ª dinastia), ou seja, é delimitada cronologicamente de meados do séc. XV ao terceiro quartel do século XVII.

Quanto à descrição individualizada do silo 2, este apresentou uma configuração piriforme, com profundidade de 2.26m e os diâmetros máxima de 0.82m na base, 1.60m no bojo e 0.60m na base plana. O espólio foi integralmente inventariado e tratado pela Secção de Arqueologia estando o cerâmico completamente catalogado. Encontra-se



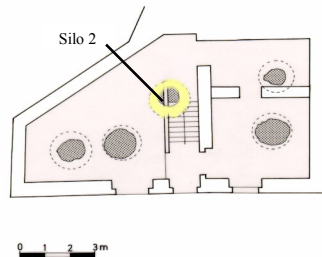
Casa 1 da Rua da Judiaria; Castelo de Vide.
Fase da escavação dos silos 2, 3 e 4 (da direita para a esquerda).

ALÇADO PRINCIPAL



Casa 1 da Rua da Judiaria; Castelo de Vide; localização dos silos.

PLANTA DO 1º PISO



depositado no Centro Municipal de Cultura e algumas das peças já integraram várias exposições realizadas no país e em Espanha.

Não obstante esta intervenção arqueológica já ter sido alvo de uma comunicação apresentada pelo senhor Presidente da Câmara Municipal, quer pelo interesse dos artefactos encontrados (de que esta faiança é exemplo indiscutível), quer por outros factos arqueológicos passíveis de serem determinantes, não só para o estudo da organização interna familiar, mas também para o da vida comunitária do espaço em questão.

CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL

O Renascimento

Se na transição da Antiguidade Clássica para a Idade Média a grande crise provocada pela ascensão do Islame serve de marco histórico e cultural para a separação destas duas Idades, já o mesmo não sucede na passagem da Medieval para o Renascimento, onde nenhum acontecimento ou mudança estrutural esteve na origem desta transformação. Naturalmente que é indiscutível as profundas alterações ocorridas durante os séculos XV e XVI: a queda de Constantinopla; os descobrimentos e conquista de impérios ultramarinos na África, Ásia e América; a conquista do sudeste da Europa pelos Turcos; a crise espiritual manifestada pela Reforma e Contra-Reforma. Porém, no momento em que todas estas profundas transformações sucederam já o Renascimento tinha despendido e percorrido um caminho significativo.

Contrariamente ao homem medieval, cuja mentalidade não lhe permitia ver que pertencia a uma Idade diferente da Clássica, encarando todo o passado em relação à vinda de Cristo, o homem do Renascimento colocou de lado a ideia de que o tempo da história estava ligado ao Céu, deixando de classificar o passado em função do plano divino da redenção. Esta atitude permitiu que a *Nova Era* tivesse plena consciência da sua própria existência, adaptando um termo para se definir a si própria, e tomando como base as realizações humanas. Na verdade, o fim da Idade Média possibilitou o ressurgimento de todas as artes e ciências que tinham florescido nas civilizações clássicas e a que as invasões bárbaras puseram fim com a destruição do Império Romano. Esta nova Idade apareceu como uma espécie de retorno ou um renascimento (*rinascità*) dos clássicos. Os textos de Petrarca (c.1330), considerada a primeira figura do início do Renascimento, traduzem a visão desta nova mentalidade, em que os autores modernos, na fase embrionária, se limitavam à restauração do latim e grego e à própria veneração dos Antigos. Porém, será um erro entender que este retorno equivaleu a uma mera cópia ou a uma simples ressurreição, porque, efectivamente, a orientação intelectual destes novos autores assentava no redescobrimiento da plena grandeza das realizações da Antiguidade, na arte e no pensamento, tentando chegar ou ultrapassar a perfeição ou a eloquência daqueles artistas e pensadores. Como nos afirma H. Janson, na obra amplamente difundida

intitulada *História da Arte* (Fundação Calouste Gulbenkian; 3ª ed.; Lisboa; 1984), «Os homens do Renascimento encontraram-se na situação do lendário aprendiz de feiticeiro que ao querer rivalizar nas artes mágicas, com o seu mestre, desencadeou forças muito maiores do que esperava e que não pôde dominar. (...) É um paradoxo fundamental que o anelo de regressar aos Clássicos, baseado numa rejeição da Idade Média, em vez de trazer à nova era uma Antiguidade renascida, contribuisse tanto para a formação do homem moderno».

No decurso das duas centúrias seguintes, esta atitude de revivescência pelos Clássicos viria a ampliar-se de modo a abarcar quase todas as vertentes culturais, incluindo as artes plásticas.

A Cerâmica do Renascimento

A Peça do Mês integra-se na cerâmica influenciada por esta corrente cultural vulgarmente designada por *cerâmica do Renascimento*, cuja origem também se verificou em Itália, no século XV, tendo-se prolongado pelo seguinte. Na centúria de quatrocentos, a faiança, à semelhança das *artes nobres*, vai aderindo à cultura humanista e, lentamente, as influências do gótico vão sendo lentamente substituídas pelas representações humanas da «Nova Era». Para tal, foi determinante o contributo de Lucca Della Robbia que, com os seus trabalhos em terracota, consegue uma aproximação entre a arte da cerâmica e a escultura florentina. A partir desta fase, ao mesmo tempo que é produzida a louça de uso doméstico (esta sobretudo funcional e prática, portanto, bastante simples e desprovida de ornamentações), passam também a aparecer recipientes cerâmicos com uma função ornamental. Para tal, os produtores de faianças inspiram-se frequentemente nos pintores para conceberem formas e decorações completamente novas.



BELLARMINO: jarro «Homem Barbudo», em grés, produzido em Frechen, nas mesmas olarias em que foi produzido o jarro encontrado na Rua da Judiaria, em Castelo de Vide. Museum für Angewandte Kunst Köln (Colónia) - Alemanha

Até ao século XVI, das oficinas italianas de Faenza e Urbino, exportavam-se faianças para os diversos países da Europa onde este novo método de tratar a cerâmica era, até esta altura, praticamente desconhecida, exceptuando o caso da Espanha que, desde o século XIV, já produzia peças que evidenciavam um perfeito domínio das técnicas e uma notável decoração, devido à transmissão de conhecimentos herdados da influência árabe. A partir da centúria de quinhentos emigram diversos ceramistas italianos que acabaram por ser responsáveis pela divulgação e difusão das novas técnicas em diferentes centros cerâmicos europeus, originando conseqüentes modificações nas morfologias e decorações dos objectos. Hoje, apesar das variações dos estilos e das técnicas, é possível determinar as oficinas da origem das faianças em virtude de elas possuírem uma raiz cultural comum que as identifica e caracteriza. Os motivos e temas escolhidos, as formas e técnicas utilizadas, as pastas e óxidos empregues pelos diversos centros permitem os estudos actuais sobre a evolução e expansão das cerâmicas de produção local ou de exportação.

OS JARROS DO TIPO «HOMEM BARBUDO»

No caso particular da Alemanha, sabe-se que na segunda metade do século XVI, apareceram diversas oficinas de cerâmica, sendo as mais importantes as de Colónia, Siegburg e Raeren. Esta primeira cidade ficou famosa por ter produzido, pela primeira vez em território alemão, recipientes com decoração em relevo, dotados de força expressiva, mas de pouco requinte considerando a exuberante ornamentação utilizada na época. Da cerâmica de Colónia também eram muito apreciadas os jarros e as taças de grandes dimensões, decoradas com brasões, ainda de tradição gótica, mas admiráveis efeitos cromáticos devido à aplicação do esmalte associado a óxidos corantes.

Refere-nos a obra francesa *Comment Reconnaître Les Porcelaines et Faïences* (E.S. Auscher, Librairie Garnier, Paris,s/d) que as oficinas cerâmicas de Frechen, cujo apogeu terá ocorrido durante os séculos XVI e XVII, produziram esta loiça em grés, à base de pastas amarelas que eram frequentemente cobertas de um vidrado castanho brilhante e frequentemente espelhado. Acrescenta a mesma fonte que as decorações consistiam em frisos com assuntos bíblicos, cortejos e danças, em relevo, acompanhados por selos, e confirma ainda a representação da cabeça de homem com uma longa barba ao longo do colo dos jarros.

Um dos jarros mais famosos deste tipo é o Bellarmino que evoca o célebre teólogo da Ordem dos Jesuítas que foi consultor da *Holy Office* e mais tarde cardeal. Roberto Bellarmino evidenciou-se por estar envolvido na fase inicial do conflito de Galileu e os Copérnicos com as autoridades eclesiásticas, opondo-se ao reconhecimento formal da teoria heliocêntrica, mas insistiu para que ela fosse considerada como mera hipótese. Bellarmino celebrou-se também por ter notificado pessoalmente Galileu em 1616 do decreto do Tribunal da Inquisição que proibia o ensino da Hipótese Copernicana ou o pensamento de que esta era verdade.

O NOSSO «HOMEM BARBUDO» Estado actual dos conhecimentos

Com os primeiros contactos que já estabelecemos com o Museu de Colónia – Museum fuer Angewandte Kunst Köln -, cujo acervo possui um jarro do tipo «Homem Barbudo», bastante famoso, dedicado ao cardeal Bellarmino, foi possível confirmar que a nossa *Peça do Mês* tem a sua origem inequívoca nesta região da Alemanha. As oficinas que a fabricaram poderão ter sido as desta cidade do rio Reno ou as de Frechen, que é uma localidade muito próxima e influenciada pela mesma corrente artística e de idêntico domínio tecnológico. Apenas uma futura análise da pasta poderá determinar em concreto ao qual destes dois centros oleiros a nossa valiosa peça pertence.

Determinou-se também que este tipo de cerâmica foi produzida essencialmente durante o segundo quartel do século XVI.

Praticia Brattig, técnica daquele Museu, acrescentou-nos que há paralelos deste tipo de vasos na Grécia, mas que o aparecimento deste vaso em Castelo de Vide é um facto surpreendente, a merecer um estudo aprofundado, pois, até ao momento, era completamente desconhecido o facto deste tipo de faiança ter circulado na Península Ibérica.

Naturalmente que agora muitas mais perguntas se impõem em relação ao rasto deste Jarro, deste a sua saída daquela margem do Reno até à Casa 1 da Rua da Judiaria de Castelo de Vide. Por outro lado, outras questões serão determinantes para consolidar outras conjecturas e interpretações que desde logo se colocam, as quais tocam mais de perto a intimidade do lar e da mesa ornamentada com este objecto luxuoso onde se lia o curioso imperativo «BEBE E COME; NÃO ESQUEÇAS DEUS».

Esperemos que o intercâmbio de contactos com o Museum fuer Angewandte Kunst, responsável pelo estudo deste tipo de cerâmicas, possa desbravar este caminho de muitas dúvidas e lacunas que este objecto levanta atrás de si.

Na certeza, porém, de que, o «Homem Barbudo» de Castelo de Vide detém um valor que superou todas as expectativas e, que, desde já, colocou o nome da nossa Notável Vila na investigação da cerâmica alemã do Renascimento.



Roberto BELLARMINO
(Montepulciano 1542 –Roma 1621)

O «*HOMEM BARBUDO*» DE CASTELO DE VIDE

Origem: centro cerâmico de Frechen ou Colónia, Alemanha.

Procedência estratigráfica: casa n.º 1 da Rua da Judiaria; Castelo de Vide; silo 2, entre 190 cm e 220 cm de profundidade; Maio de 1991.

Tipo e Função: jarro designado por «homem barbudo», cerâmica de mesa.

Cronologia: século XVI (meados do século).

Dimensões: Ø bordo-58mm (ext); Ø bojo-135mm; Ø base-75mm; alt.-175mm.

Morfologia: bordo boleado suavemente afilado; colo curto, cilíndrico, com três caneluras; bojo globular; base de pé espessado, demarcada do bojo por duas caneluras.

Decoração: superfície externa de cor melada, decorada em relevo com inscrição emoldurada ao nível do diâmetro máximo do bojo [U]ND·∴·EST·∴·GATES:NIT·∴·V [ERGES] ... INCKET·∴·[U]ND·∴·ES]T·∴·GATES:NIT·∴·VERGES (Trinkt und eßt, Gott nicht vergeßt: «BEBE E COME; NÃO ESQUEÇAS DEUS») acompanhada de uma sequência de folha de acanto intercalada por medalha com a face de figura (clero?)

Técnica: grés, com esmaltagem a óxido de ferro no exterior e engobe a branco no interior; decoração em relevo.

N.º de Inventário: J 94.

Propriedade: Município de Castelo de Vide.

Depósito: Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Restauração: Carlos Grande - Secção de Arqueologia; ficha de restauro n.º 504.

Estado de Conservação: muito fragmentado; ausência de porções que foram completadas com gesso.

Divulgação: foi divulgado anteriormente na comunicação *Casas de Ontem e de Hoje - Recuperação de um imóvel na Rua da Judiaria com escavação de silos medievais*, apresentada por Joaquim Pinto Ferreira Canário, na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide; III Encontro Nacional de Municípios com Centro Histórico, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Valença e Caminha, 1995, pp. 173-180.

Nas diversas intervenções arqueológicas que tiveram lugar no aglomerado urbano de Castelo de Vide não apareceram mais exemplares do tipo (peça ou fragmento). Presentemente decorrem contactos com o Museu da localidade onde foram produzidos estes vasos renanos com vista ao intercâmbio de conhecimentos sobre os mesmos.

Fotografia do vaso (capa): Augusto Rainho

Agradecimentos: ao Museu de Arte Antiga, na pessoa do seu Director Dr. José Luís Porfírio, ao Museum fuer Angewandte Kunst Köln pelo envio de bibliografia temática para o estudo desta faiança, e a Gunther Gorny pela disponibilidade para estabelecer contactos e a tradução das referências enviadas por aquele museu alemão.